

# O DILEMA DAS ARTES NO ENSINO MÉDIO NO BRASIL

Ana Mae Barbosa

Professora do Doutorado da ECA/USP e do Mestrado e Doutorado em Design, Arte e Tecnologia da Universidade Anhembi Morumbi. Autora de diversos livros sobre o Ensino de Arte. Publicou em 2015 os livros Redesenhando o desenho: educadores, política e história - com o qual ganhou o Premio Jabuti - e La imagen en la enseñanza del Arte, publicado no México.

[anamaebarbosa@gmail.com](mailto:anamaebarbosa@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4966-2043>

Mais uma vez o Brasil copia o Sistema de Educação dos Estados Unidos operando reduções comprometedoras para a aprendizagem de nossos jovens em nome da economia de verbas.

A Ditadura de 1964 copiou o sistema americano minimizando a qualidade quando tornou a Arte obrigatória no Ensino de Primeiro e Segundo Graus com o objetivo de mascarar humanisticamente o excessivo tecnologismo da reforma educacional imposta que pretendia profissionalizar os adolescentes no Ensino Médio. O processo de redução do modelo americano para um país pobre, criou a figura absurda do professor polivalente que com dois anos de formação deveria ensinar Música, Artes Plásticas, Artes Cênicas e Desenho Geométrico, a partir do quinto ano do Primeiro Grau e no que hoje chamamos Ensino Médio. Claro que não deu certo e as grandes universidades advertiram imediatamente acerca do absurdo epistemológico de se querer formar arremedos de Leonardos da Vinci no século XX.

Agora a coisa é pior. Estão retirando do Ensino Médio a obrigatoriedade do Ensino das Artes, duramente ampliada pela luta dos Arte/Educadores reunidos na Federação de Arte /Educadores do Brasil (FAEB) que, em abril de 2016, conseguiu fazer aprovar no Senado a obrigatoriedade de Música, Teatro, Artes Visuais e Dança, antes não incluída.

Nos Estados Unidos e na Inglaterra os alunos de high school escolhem um certo número de disciplinas de um enorme cardápio que a escola oferece. Entre as disciplinas oferecidas estão todas as áreas das Artes.

Inglês é obrigatório, mas para cada semestre são oferecidos diferentes cursos e o aluno escolhe que tipo quer fazer. Lembro-me que meu filho no primeiro ano de high school em Cambridge, USA, escolheu como disciplina obrigatória um curso de inglês baseado em William Shakespeare no qual teve de decorar vários trechos de peças que não esqueceu até hoje. No semestre seguinte, escolheu um curso de inglês baseado em notícias de jornais, mais fácil e metodologicamente menos conservador. Não é obrigatório o aluno escolher artes, mas é obrigatório a escola oferecer todas as artes. Quando fiz Pós-Doutoramento na Inglaterra, minha filha de 15 anos me acompanhou. A escola só permitia escolher quatro disciplinas por semestre e ela foi obrigada a escolher Inglês, Matemática, História e uma disciplina em Ciências para ter o semestre reconhecido no Brasil. Entretanto, foi colocada para fazer deveres de casa e outras obrigações na sala de uma professora (room teacher) de Artes Visuais. Não demorou muito a professora perguntou porque ela não escolhera Artes se gostava tanto e diante do argumento burocrático combinou que ela faria Artes Visuais escondido, extraoficialmente. Enquanto era tratada como estranha nas outras aulas, na aula de Artes Visuais fez amigas e se entrosou.

Não se discute mais nestes países, que o governo do Brasil pretende imitar embora sob um olhar redutor, a importância do Ensino das Artes na Escola. Foi fundamental nos Estados Unidos a descoberta, nos anos 1990, de que todos os alunos que por dez anos tiveram as melhores notas no teste SAT, equivalente ao ENEM, haviam tido alguma disciplina de Artes em seu currículo. Passou-se então

a estudar o ensino das Artes em referência à transferência cognitiva. As perguntas eram: O que se aprende e o como se aprende Artes é transferível para outras disciplinas? O desenvolvimento mental que as Artes proporcionam é aplicável ao modo como se aprende as outras disciplinas?

James Cattell<sup>1</sup> dedicou grande parte de sua vida estudando as pesquisas que provam que as Artes desenvolvem a cognição do indivíduo, cognição esta que pode ser aplicada a outras áreas do conhecimento. Chegou à conclusão de que as Artes desenvolvem até a inteligência medida pelo teste QI, que é apenas uma parte da inteligência, a inteligência racional. Encontrou quatro pesquisas provando a transferência de aprendizagem das Artes Visuais para outras áreas. Estas pesquisas demonstraram que o estudo de Desenho aumenta a qualidade de organização da escrita; raciocinar sobre Arte desenvolve a capacidade de raciocinar sobre imagens científicas; a análise de imagens da Arte propicia a capacidade de leitura mais sofisticada, interpretação de textos e inter-relacionamento de diferentes textos. Enfim, uma das conclusões das quatro pesquisas que Cattell analisou foi que a “instrução em Artes Visuais” desenvolve a prontidão para a leitura compreensiva. Já o número de pesquisas provando a transferência de cognição em Teatro para outras áreas foi quase cinco vezes maior, o que o levou a identificar também maior número de consequências positivas da experiência em Teatro para o comportamento cognitivo dos jovens de Ensino Médio:

- Maior compreensão da leitura oral de textos;
- Maior compreensão do discurso oral em geral;
- O aumento da interação entre pares;
- Capacidade de escrever com eficiência e prolixidade;
- Habilidades de resolução de conflitos;
- Concentração de pensamento;

- Habilidades para compreender as relações sociais;
- Capacidade para compreender problemas complexos e emoções;
- Engajamento;
- Habilidade de interpretação de textos não relacionados;
- Disposição e capacidade de desenvolver estratégias para resolução de problemas.

Nas pesquisas sobre as Artes Integradas, que não podem ser confundidas com a perversa polivalência, mas em que cada arte tem o seu professor e todos trabalhando interdisciplinarmente, foram comprovados avanços individuais e coletivos em:

- Autoconfiança;
- Melhoria do autoconceito;
- Capacidade de assumir riscos;
- Concentração de atenção;
- Perseverança;
- Empatia pelos outros;
- Auto iniciação à aprendizagem;
- Persistência em tarefas difíceis;
- Aprendizagem autoral;
- Habilidades de colaboração;

- Liderança;
- Evasão reduzidas;
- Aspirações educacionais mais altas;
- Habilidades de pensamento de ordem superior.

A lista de transferência cognitiva da Música para outras áreas não artísticas de conhecimento é grande também e inclui desenvolvimento em Matemática e em percepção espacial e espaço/temporal.

Tendo em vista o fraco desempenho de estudantes norte-americanos em Ciências foi criado, nos Estados Unidos, no Ensino Fundamental e Médio, o sistema interdisciplinar STEM, isto é a inter-relação entre Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática. Entretanto, as pesquisas não demonstraram a melhoria esperada em ensino das Ciências. A pesquisadora e professora Georgette Yakman, incluindo as artes, conseguiu melhores resultados e a partir do seu trabalho, o STEM se transformou em STEAM sistema que inclui Ciências, (Sciences) Tecnologia, Engenharia, Artes (e Design) e Matemática<sup>2</sup>. Acrescentando as artes, verificaram que a imaginação e os processos de criação foram intensificados. Verificaram também que as artes se tornaram importantes culturalmente, comunicativamente e facilitadoras da aprendizagem das outras áreas envolvidas no sistema. O cuidado agora é para que no STEAM as artes não virem mero trabalho de ilustração.

Portanto, retirar Arte do Ensino Médio de adolescentes é reduzir a possibilidade do desenvolvimento de habilidades importantes em outras disciplinas além das artes.

Por outro lado, que outra disciplina desenvolve o que é específico das artes? Qual a disciplina no currículo que desenvolve especificamente a percepção e discriminação visuais? As Artes Visuais e nenhuma outra mais. Qual a que prepara para a leitura da imagem? As Artes Visuais. A leitura do discurso visual, que não se

resume só a uma análise de forma, cor, linha, volume, equilíbrio, movimento, ritmo, mas principalmente é centrada na significação que estes atributos em diferentes contextos conferem à imagem é um imperativo da contemporaneidade. Os modos de recepção da obra de Arte e da imagem, ao ampliarem o significado da própria obra, a ela se incorporam.

Não se trata mais de perguntar o que o artista quis dizer em uma obra, mas o que a obra nos diz, aqui e agora em nosso contexto e o que disse em outros contextos históricos a outros leitores.

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens veiculadas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. A leitura das imagens fixas e móveis da publicidade e da Arte nos exercita a consciência acerca daquilo que aprendemos através da imagem. Por outro lado, na Escola, a leitura da obra de Arte prepara o grande público para a recepção de obras de Arte e nesse sentido Arte/Educação é também mediação entre Arte e Público. Tirar as artes da escola e depois clamar por meios de “ampliação de plateia” para Teatro ou Cinema é uma contradição.

Outro aspecto importante da Arte na Educação em nossos dias é o fato de se reconhecer que o conhecimento da imagem é de fundamental importância não só para o desenvolvimento da subjetividade, mas também para o desenvolvimento profissional.

Um grande número de trabalhos e profissões estão direta ou indiretamente relacionados à arte comercial e propaganda, outdoors, cinema, vídeo, fotografia, à publicação de livros e revistas, à produção de CDs, cenários para a televisão, e aos campos do design para a moda, indústria têxtil, design gráfico, design digital, games, decoração etc. Não posso conceber um bom designer gráfico que não possua algumas informações de História da Arte. Não só designers gráficos, mas muitos outros profissionais similares poderiam ser mais eficientes se conhecessem, fizessem arte, e tivessem desenvolvido sua capacidade analítica através da interpretação dos trabalhos artísticos em seu contexto histórico.

Tomei conhecimento de uma pesquisa que constatou que os camera men da televisão são mais eficientes quando tiveram algum contato sistemático com apreciação da arte.

O conhecimento crítico de como os conceitos visuais, sociais e históricos aparecem na arte, como eles têm sido percebidos, redefinidos, resignificados, distorcidos, descartados, reapropriados, reformulados, justificados e criticados em seus processos construtivos, ilumina a prática da arte, mesmo quando essa prática é meramente comercial.

Até agora usei argumentos de ordem objetiva e resultados de pesquisas para demonstrar a importância do ensino das Artes porque a educação emocional não interessa a políticos que almejam apenas ver o Brasil subir no ranking mundial, reduzindo ao mínimo o que tem de ser aprendido e criando testes para provar que a aprendizagem foi realizada.

Mas quero ressaltar a importância das experiências com Artes na adolescência, idade difícil, de mudanças hormonais, corporais, de modo de pensar e sentir, de início de autonomia na vida privada e na sociedade, de inter-limites, ora sendo tratados como adultos ora sendo vistos como crianças. A linguagem presentacional das Artes articula a cognição através da integração do pensamento racional, afetivo e emocional numa escola a qual só interessa a linguagem discursiva e científica das evidências. A minha geração fez sua educação emocional à margem da escola nos filmes de Holywood. A geração da minha filha nas novelas da Globo. E esta geração?

As gerações de hoje educadas com Artes nas escolas já estão lotando as exposições de Artes Visuais, os cinemas e os teatros. O ensino atual inter-relaciona o fazer Arte, a leitura da obra de Arte ou da imagem e a contextualização do que se faz e do que se vê (Abordagem Triangular). Como resultado deste novo (já com 25 anos) ensino, os Centros Culturais não são mais exclusividade das elites. Jovens que nasceram pobres estão usufruindo das Artes porque tiveram bons professores de Artes nas escolas públicas. Vamos perder

esta conquista se as Artes não forem incluídas no Ensino Médio. Apelo aos artistas para que façam campanha e salvem a intimidade com as Artes nas próximas gerações. Nós das Artes, o que podemos fazer para que os “homens do poder” nos ouçam?

Segundo as pesquisas, nós próprios seríamos menos inteligentes se não tivéssemos experiências com as Artes.

## REFERÊNCIAS:

CATTERAL, James. The Arts and the Transfer of Learning. In: [http://209.59.135.52/resources/toolkits/criticallinks/cl\\_overview.pdf](http://209.59.135.52/resources/toolkits/criticallinks/cl_overview.pdf) pag 151 a 157. Consultado 12 de dezembro de 2016

MORAES, Paula Ariane da Silva. STEAM: Arte e Design no Currículo do Ensino Médio. 2017. [198 páginas].Dissertação de Mestrado, Programa em Design, Arte e Tecnologia , Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.

Recebido em 20 de fevereiro de 2017

Aceito para publicação em 20 de março de 2017

## NOTAS

---

1 James Cattarral. The Arts and the Transfer of Learning. [http://209.59.135.52/resources/toolkits/criticallinks/cl\\_overview.pdf](http://209.59.135.52/resources/toolkits/criticallinks/cl_overview.pdf) pag 151 a 157

As pesquisas sobre transferência de aprendizagem das Artes para outras áreas que James Catterrrall examinou foram imediatas, não houve um decurso de tempo entre as aulas de Artes e os testes aplicados.

Provavelmente se houvesse um tempo de espera os resultados seriam mais positivos ainda do ponto de vista da transferência

2 Para melhor conhecer o STEAM consultar a dissertação de mestrado de Paula Ariane da Silva Moraes, STEAM:Arte e Design no Currículo do Ensino Médio, Universidade Anhembi Morumbi , 2017.

Esta comunicação foi encaminhada pela Profa. Ana Mae Barbosa à Revista Pós em fevereiro de 2017 e os editores optaram por sua publicação imediata devido à urgência e importância do tema. Com essa publicação, inaugura-se uma nova seção da revista - Carta aos Editores. Podem ser enviadas cartas aos Editores sobre artigos publicados anteriormente na Revista Pós ou temas urgentes vinculado às artes. A publicação das cartas fica a inteiro critério dos Editores da Revista Pós.